

## Editorial

BATALHA DO  
GUARARAPES

Em apenas três segundos, a prefeitura acabou com uma dor de cabeça que transtornou autoridades, moradores e transeuntes durante mais de dois meses, desde quando uma alça do viaduto Batalha de Guararapes desabou, durante a Copa do Mundo, matando duas pessoas e ferindo mais de 20.

Cerca de R\$ 16 milhões viraram pó com a implosão da alça que ficou de pé e que as autoridades resolveram, por via das dúvidas, também derrubar, a fim de liberar o trânsito na avenida Pedro I, o que vai demorar pelo menos uma semana para acontecer, porque, antes, será preciso remover os escombros.

Perfeita, a implosão quebrou apenas algumas vidraças, demonstrando que a nossa engenharia é melhor para destruir do que para construir. Nos vários meses que durou a obra, os técnicos não foram capazes de perceber que os cálculos estavam errados e que a construção exigia mais aço que cimento.

Contratante da obra, a prefeitura falhou clamorosamente em não fiscalizá-la como deveria. Foi omissa, e, diante do desastre, o prefeito ainda se saiu com uma declaração infeliz, afirmando que acidentes acontecem, o que poderia ser considerado uma agressão pelos cidadãos e contribuintes.

Se não foi, pelo menos agora o poder público, que recebeu o mandato da população para defender seus interesses, deveria buscar uma reabilitação diante de seus concidadãos. A cidade foi prejudicada. Grande parte da população teve suas vidas transtornadas. Deveria ser indenizada por isso.

Não o será, mas a cidade, como um todo, precisa ser compensada. Quem vai pagar o prejuízo? Se for a construtora, tudo bem. Mas, e se for o poder público? Nesse caso, seremos todos nós, contribuintes. Não é justo. As responsabilidades precisam ficar bem determinadas para se saber de quem cobrar.

Não se sabe também se vai haver outro viaduto no lugar. Deveriam saber: afinal, que planejamento é esse?

## SEMPRE EDITORA LTDA

**FUNDADOR** Vittorio Medioli  
**PRESIDENTE** Laura Medioli  
**VICE-PRESIDENTE** Luiz Alberto de Castro Tito  
**DIRETOR EXECUTIVO** Heron Guimarães  
**DIRETOR FINANCEIRO** Marcos de Oliveira e Souza

**GERENTE COMERCIAL**  
Fabiano Guerra

**GERENTE DE TECNOLOGIA**  
Fábio A. Santos

**GERENTE INDUSTRIAL**  
Guilherme Reis

**GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO**  
Walmir Prado

**GERENTE DE MARKETING**  
Alessandra Soares

**GERENTE DE CIRCULAÇÃO**  
Isabel Santos

**EDITORA EXECUTIVA**  
Lúcia Castro

**SECRETÁRIA DE REDAÇÃO**  
Michele Borges da Costa

**ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO**  
Murilo Rocha

**CHEFE DE REPORTAGEM**  
Renata Nunes

**EDITORES**

Opinião: Victor de Almeida  
Economia: Karlon Aredes  
Política: Carla Kreeft  
Magazine: Silvana Mascagna  
Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla  
Esportes: Denner Taylor  
Cidades: Marina Schettini  
Primeira: Frederico Duboc  
Fotografia: Rejane Araújo

## O.PINIÃO



www.dukechargista.com.br



**FÁTIMA OLIVEIRA**

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

Inseticidas naturais e uma  
mata de amor-agarradinho

Numa convivência quase pacífica, a invasora sou eu

**N**uma convivência quase pacífica, aqui, no Paranã profundo, com muriçocas, formigas, camaleões, pipiras, rolinhas e bem-te-vis, e bem mais consciente de que a invasora sou eu, reli “Causos Rusos”, de Mikhail Mikhailovitch Zochtchenko (1895-1958) – contos curtos de humor sobre a vida após a Revolução de Outubro de 1917, centrados no que ele chamava de “filisteu”: pessoa ignorante e, muitas vezes, grosseira, que aceita ostensivamente o novo regime, mas não entende nada dele, como registrou Tatiana Belinky na introdução de “Causos Rusos” (Edições Paulinas, 1988).

Ele é um adorável escritor ucraniano que vivia na Rússia. Deixou de ser publicado na década de 40 e foi expulso da União dos Escritores sob a alegação de “insultar o povo soviético”. Sectarismo bem pé de maxixe: rasteiríssimo! Fiquei matutando sobre a frase final do causo “Limonada”: “A vida dita as suas próprias leis. A gente tem de se submeter”.

Entendi! Submeto-me às minhas pequenas felicidades e infelicidades. Mas há grandes felicidades: no caminho de terra que leva à minha residência, via cachos de flores de amor-agarradinho num terreno baldio ao lado de uma casa. Há mais de uma semana resolvi parar e pedir uma muda.

Uma adolescente disse-me rindo: “Isso aí, essa trepadeira? Uma mudinha? Desça do carro e veja a mata que é! Virou praga. Ninguém sabe quem é o dono do terreno, e mamãe mandava cortar, mas, quanto mais corta, mais nasce!”. Fiquei extasiada! Agora, colho flores orvalhadas de amor-agarradi-

nho para meus vasos da sala. E fiz uma mudinha, que a faxineira sentenciou: “Arrumando comidinha florida pros camaleões, né? Assim vão ficar aqui para sempre!”

Em “Sem sossego entre formigas, muriçocas, camaleões e pipiras”, pedi ajuda a quem lê (O TEMPO, 19.8.2014). Recebi mil e uma dicas, além de indicações de sites/blogs sobre o tema. Perguntando na vizinhança o que fazer, a resposta foi, invariavelmente: “Mulher, bote veneno! Sem usar veneno não vai aguentar!” Uma disse: “Só ainda não inventaram ve-

“A vida dita as suas próprias leis. A gente tem de se submeter”. Entendi! Submeto-me às minhas pequenas infelicidades. Mas há grandes felicidades.

veno pra essa gente de Sarney e Lobão!” Foi a deixa pra nadar de braçada no “Passim do 65”: “Ah, veneno para Sarney e Lobão? Inventamos sim: Flávio Dino!”.

Desde a semana passada meti a cara lendo sobre biopesticidas e inseticidas naturais. Encontrei muitas trilhas ecológicas, que pretendo seguir, além da borra de café, que é adubo e inseticida – mata o mosquito da dengue (descoberta da bióloga Alessandra Laranja) –; e a borra sem açúcar espanta formigas (funciona!), além do que derramar café líquido (frio, viu, gente!) no formigueiro é “tiro e queda!”

Certas plantas atraem insetos, outras os afastam, tais como alecrim – repele

mosquitos, e gatos não suportam o cheiro; citronela – repelente de mosquitos e pernilongos; crisântemo – repelente de baratas, percevejos, pulgas e carrapatos; lavanda – espanta mosquitos; hortelã – formiga odeia; manjerição – afasta moscas e mosquitos; e pimenta – contra insetos em geral (já plantei vários pés de malagueta!).

Na próxima semana, plantarei todas no jardim e no quintal, pois são opções sustentáveis. Enquanto não tenho todas, salpiquei umas folhinhas de hortelã e de manjerição em torno das plantas novas, do jardim e da horta, e as sábias formigas mudam de caminho que é uma beleza! Ah, minha matinha de girassóis está um encanto, com as plantinhas mais ou menos uns 20 cm de altura e muitas folhas... Acabei de descobrir que as pétalas do girassol são comestíveis e possuem um sabor agridoce. E eu adoro salada de flores...

DUKE

